

Batista – O Maître*

Zenilo Ronald Almada Rodrigues¹

Como tudo que é simples, sem ser propriamente simplório mas em sentido lato, não se torna tarefa difícil falar sobre quem na vida só cultivou amizades, benquerenças e afabilidades.

Assim era o "maître" Batista. Conheci-o desde que aqui chegou vindo do Piauí, sua terra natal. Trabalhou por longos anos no Jaguaribano Bar – na Praça do Ferreira, na quadra da Rua Floriano Peixoto e Abrigo Central –, numa diagonal ao Edifício Sul América, onde demonstrou sua verdadeira vocação à profissão que abraçou até morrer. Sem demora, Batista, logo iniciado na profissão de garçom, prestava seus serviços ao Sombrero Bar – de frente para a Praça dos Leões – ou General Tibúrcio com Rua General Bezerril, com outro tipo de freguês. Localizado perto da antiga Assembléia Legislativa, a freguesia era predominantemente composta por políticos de todos os matizes partidários, chefes políticos ou os chamados "coronéis" do interior, a camada de políticos situacionista; embora houvesse mistura da classe comerciária, comerciantes, corretores, estudantes e bom número de pessoas já aposentadas, ou do Exército reformados, enfim, apreciável número de freqüentadores de bares que se diferenciavam pela preferência diante da variedade de tira-gostos que, entre si, os bares disputavam no capricho desde os mais simples à requintada feijoada...

O maître Batista, naquela época, ainda não tinha sido distinguido com o honorífico título, servia com muita presteza os freqüentadores dos bares por onde passou e dedicou-se no mister de bem servir. Foi assim que maître Batista pautou sua vida formando uma gama de admiradores da sua personalidade e caráter demonstrando interesse pelos fregueses, que logo se tornavam amigos. Sua capacidade de grangear amizades era por demais marcante. Possuidor de uma memória privilegiada, conseguiu,

* *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 25 de agosto de 2002.

¹ Advogado.

com o poder de gravar nomes e fisionomias, aumentar com rapidez cabedal incomensurável de amigos que de logo se afreguesavam dentro do menor espaço de tempo. Era desta forma um ser fadado a fazer amigos. Todos que o conheciam sentiam-se logo atraídos por aquela brandura que lhe era peculiar, tornava-o mais próximo do freguês por ganhar, além da natural simpatia, a confiança de se orientar na escolha do pedido do prato, qual o mais saboroso do dia, mais apetitoso para o momento, e, para cada gosto, tinha sempre uma sugestão acertada que no final a todos satisfazia.

No saudável cumprimento com o freguês, tinha sempre um fato passado ou presente a narrar, porque sua prodigiosa mente registrava com nitidez os acontecimentos presentes, passados e os futuros deixava a cargo do Roque de Macedo, que também era seu freguês, quando se tratasse de época invernososa para se saber se ia chover... ou não... porque, como bom cientista sertanejo e nefelomante, sabia navegar por entre as nuvens, afirmando com segurança quando ia chover...

Sem divagações, mas avivando a memória dos velhos tempos de solteiro, fazendo parte de uma plêiade de amigos, formávamos uma grande mesa nos bares onde Batista comandava. De logo seríamos atendidos com o precioso líquido dos deuses que, seguro por uma mão e batendo com o abridor na garrafa tilintando dizia: "tá bem geladinha..." "Oh, palavra linda..." dizíamos nós com gracejo ao Batista. E indagávamos: "é a loura sua-da!!..." a insuperável e inigualável cerveja!... que não pode e nem deveria nenhum mal fazer porque teve origem nos mosteiros e por certo foi consentida por Deus e abençoada pelos monges que até hoje nos obriga em posição genuflexa sorver tão delicioso líquido...

Talvez quem sabe até para apagar as tristezas e reinar a alegria dos que por aqui perambulam até o dia do seu chamamento celestial, se é que merecemos.

Assim o nosso Batista, anos a fio, conduziu por suas benfezejas mãos nossas cervejas e outros aperitivos. Era essa forma de conagraçamento entre todos nós. Era também o seu modo de viver, servindo, que agradava com sua pausada e branda voz, uma forma magnética de se comunicar mais facilmente. Parecia que

não tinha tristezas porque sempre esboçava seu sorriso tímido e sempre temeroso por não querer magoar ou se tornar causador de algo que pudesse desagradar.

Acompanhei-o em quase toda a trajetória de sua vida profissional, a partir do tempo que frequentei o Jaguaribano Bar, depois, do mesmo proprietário, o "Sombbrero Bar", o apreciado restaurante "Carne do Sol de Natal", localizado nas confluências (esquina) da Rua Ildefonso Albano com Av. Aquidaban, ao lado do Comercial Clube. Lá se reuniam pessoas gradas da nossa cidade até para conhecer a decantada "carne do sol de Natal", desconhecida pelos fortalezenses, que sem demora passaram a apreciar aquele prato típico daquela cidade, cuja carne de preparo especial com manteiga da terra, macaxeira, batata doce, farofa de farinha torrada com capricho, embora ainda artesanal, feita de mandioca com auxílio da bolandeira e depois bem temperada com cheiro-verde misturado ao conhecido baião-de-dois, de feijão verde ou feijão branco de arrancar, ou feijão de corda, assim popularmente conhecido, tornou-se para nós um verdadeiro manjar.

Era o inesquecível Batista que aguçava o paladar e crescia no conceito de quantos o conheceram, aplaudiam na sua ascensão que galgava posição elevada, na missão de bem servir aos fregueses nas casas onde o mesmo desempenhava suas funções; transferindo-se para o Náutico Atlético Cearense, atingia quase o apogeu na sua jornada como bom garçom, coroado por seus merecidos méritos, o seu generalato, para ser guindado a função de maître por todos festejada e aplaudida.

Foi nosso vizinho quando arrendatário da cantina da Secretaria de Cultura do Município, não se demorando por muito tempo, emprestando suas atividades profissionais num dos mais chiques restaurantes da praia do Mucuripe – o "Trapiche" – onde podiam ser vistas as lagostas no seu habitat – cujo aquário ocupava grande espaço de um recanto do restaurante.

No Hotel Praia Centro, na Av. Monsenhor Tabosa, onde se realizavam grandes noitadas com ambiente agradável e quase sempre com participação de artistas famosos – que ali se exibiam e animavam as noites cearenses. Do alto do Hotel, no seu terrace, se podia contemplar o azul escuro do céu com cintilantes estrelas

incrustadas para celebrar nas alturas, no enlevo do amor, externando as confidências amorosas ditas ao pé do ouvido da deusa que iluminava os sonhos dos apaixonados amantes enamorados...

Lá estava o *maître* Batista, com sua *solicitude* e *lhaneza*.

Depois, mais experimentado e conhecedor de toda freguesia, Batista, o *maître* querido, não esquecia o nome dos seus fregueses, e, sua mente parecia registrar fotograficamente aquele conhecimento travado entre os que dele se aproximavam. No Lagoa D'Ouro, na Costa Barros, não tive o prazer de visitá-lo, encontrando-o no Centro Artesanal Luiza Távora, na Av. Santos Dumont. A seguir no restaurante "Grelha" e sem demora inaugura o "Restaurante Batista", dessa vez por sua inteira responsabilidade, na Rua Cel. Jucá, entre as ruas República do Líbano e Pereira Valente, onde talvez diante da bondade, não perdurou por muito tempo, para atender convite do restaurante "Carne de Sol do Quixadá". Retorna ao Náutico Atlético Cearense e por pouco espaço de tempo, quando aceitou o convite para ser *maître* do Ideal Clube na gestão Luís Carlos Aguiar/Paulo Bandeira de Melo, onde permaneceu coroado pelos louros alcançados na sua vida, como afirma sua filha Teresa Cristina, numa mensagem pelos festejos dos seus 40 (quarenta) anos de profissão em tocante e inesquecível homenagem, no nosso Ideal Clube, na qual exaltava de uma maneira muito afetiva e brotada do mais íntimo do seu coração, os méritos como marido, pai e amigo, do nosso inesquecível Batista, quando disse:

Pai, o seu sorriso natural e espontâneo transforma os nossos problemas em coisas mais leves. O seu jeito de menino, às vezes ingênuo e indefeso, mas que esconde uma imensa fortaleza, suaviza o nosso dia-a-dia. Você tem luz própria e, onde colocar os seus pés, haverá uma claridade infinita. A sua caminhada tem sido coroada de muita paz. Você consegue, com sua bondade, levar um pouco mais de esperança a quem dela necessita. Você pisou na terra com a mesma importância do sol, da lua e das estrelas. Você é como a chuva que molha o campo, o mar que acaricia a areia, o colorido de todas as flores. A natureza e você se completam. Eu tenho

certeza absoluta de que Deus quando olha para você, orgulha-se de sua obra. Pai, a vida é um show, e eu estarei sempre na platéia a aplaudi-lo, pois a minha cadeira é cativa; e mesmo que todos se retirem, ao ouvires uma única palma, com certeza será a minha.

No Ideal Clube você soube tão bem cultivar as amizades, mercê da admiração do quadro social, que por certo continuará a nutrir e embalar as imorredouras saudades também dos que faziam e fazem hoje a Diretoria desse Clube que não o esquecerão unindo-se ainda a sua digna família o fraternal abraço dos seus colegas de profissão, também seus irmãos de labuta e lazer, amigos, fregueses, Ideal Clube, porque mesmo morto continuará vivo para nós.

Aqui, velho amigo Batista, não está o panegirista, mas o relato de um amigo que o acompanhou no percurso de sua vida desde a chegada a nossa cidade de Fortaleza, que o acolheu e adotou concedendo-lhe também o título de Cidadão Cearense, por outorga do ilustre deputado Paulino Rocha, numa inequívoca prova de reconhecimento do valor de sua cidadania, e, sobretudo, quem muito admirou no trajeto de mais de quatro décadas – da aurora ao crepúsculo.

Permitam-me agora unirmo-nos a sua digna família que tanto o amou, e nós, a legião que formou um só grupo de amigos, dizer ainda que a lembrança e a admiração serão indeléveis mensagens que acompanhando o seu transportar desta para outra dimensão maior, continuará sempre conosco porque você se foi materialmente, mas espiritualmente continuará animando-nos nos dias de lazer, juntamente com as famílias que você tão bem conheceu e gravou na sua prodigiosa mente os nomes; também embora não mais servindo profissionalmente, mas no aconchego do peito de cada amigo que tão bem soube cultivar e será hoje regado pelas lágrimas de quantos o amaram. Você foi um benquerente.

Dos amigos Zenilo Almada e família.

Pesar no Senado pela Morte de Rachel

O Senado aprovou ontem, em Brasília, voto de pesar pelo falecimento da escritora cearense Rachel de Queiroz, de acordo com requerimento do senador Tasso Jereissati (PSDB-CE). Os senadores Arthur Virgílio (PSDB-AM) e Patrícia Saboya (PPS-CE) também apresentaram requerimento lamentando a morte da escritora. Jereissati ressaltou que Rachel de Queiroz soube, como poucos, descrever a força do homem nordestino.